

*MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS*

OS LIVROS DA FUVEST - I

***MEMÓRIAS DE UM  
SARGENTO DE MILÍCIAS***  
**MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA**

Análise da obra, seleção de textos e questionário

**FERNANDO TEIXEIRA DE ANDRADE**



**MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA**

(Rio de Janeiro, 1831 – naufrágio do vapor "Hermes", nas costas da Província do Rio de Janeiro, 1861)

**1. VIDA**

Filho de um modesto casal de portugueses, perdeu o pai aos dez anos de idade. Pouco se sabe de sua infância e sobre as presumíveis dificuldades para fazer seus estudos elementares e preparatórios. Sua biografia é pouco conhecida e, só recentemente, a descoberta da correspondência de Manuel Antônio de Almeida começa a levantar algumas pistas sobre a vida atormentada do autor.

Pode-se, contudo, supor que tenha conhecido de perto a vida da pequena classe média carioca, que povoa sua obra-prima. Sabe-se que estudou desenho na Academia de Belas Artes e que, feitos os preparatórios, foi aprovado em 1848 para o curso de Medicina. Formou-se médico em 1855, tendo perdido dois anos, talvez por dificuldades financeiras, que devem tê-lo impedido de exercer a profissão.

A necessidade de prover os meios para sua subsistência levaram-no ao jornalismo. Trabalhou como revisor, traduziu para folhetins de jornal e foi redator do *Correio Mercantil*, para o qual escrevia um suplemento mundano e literário: "A Pacotilha".

Nas páginas desse suplemento foram publicadas, **anonimamente**, em **folhetins**, as *Memórias de um Sargento de Milícias*, entre 27 de junho de 1852 (Cap. I) e 31 de julho de 1853 (Cap. XLVIII).

No ano seguinte, as *Memórias de um Sargento de Milícias* começaram a ser reunidas em livro. Os 48 capítulos que constituíam a publicação original (em folhetim) foram renumerados, alguns títulos foram alterados, e o autor publicou o romance em **dois volumes**, ocultando-se sob o pseudônimo de **Um Brasileiro**. O **primeiro volume** saiu em 1854, com 23 capítulos, e o **segundo volume**, em 1855, com 25 capítulos.

Somente na terceira edição, de 1863, póstuma portanto, a obra começa a trazer estampado o nome do autor: Manuel Antônio de Almeida.

Em 1858, foi nomeado Administrador da Tipografia Nacional, onde conheceu e amparou o jovem Joaquim Maria Machado de Assis, ainda aprendiz de tipógrafo.

Em 1861, foi tentado a entrar na política, almejando uma vida financeira mais estável. Candidatou-se à Assembléia Provincial do Rio de Janeiro. Viajava para a cidade de Campos, onde ia iniciar as consultas eleitorais, quando morreu, no naufrágio da barca a vapor "Hermes", no litoral fluminense.

## 2. OBRA

- **Romance**
- *Memórias de um Sargento de Milícias*

- **Outros Gêneros**

*Tese de doutoramento em Medicina*

Libreto da ópera *Dois Amores* ("imitação do italiano de Piave"), com música da Condessa Rosawadowska, representada sem êxito após a morte do autor.

Crônicas, críticas, artigos e imprensa etc. ainda não reunidos em livro.

### **Observação**

Adotamos a edição crítica de Cecília de Lara, LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Rio de Janeiro, 1978. Seguindo a **primeira edição em livro**, publicada sob as vistas do autor, a edição de Cecília de Lara respeita a repartição da obra em dois volumes (ou tomos), numerando os capítulos separadamente (**Tomo I**, capítulos I a XXIII; **Tomo II**, capítulos I a XXV).

## 3. CARACTERÍSTICAS GERAIS

### 3.1. Como nasceu o livro

Manuel Antônio de Almeida pertence ao grupo de escritores que se consagraram com um único livro: *Memórias de um Sargento de Milícias*. Publicada no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, de 27 de junho de 1852 a 31 de julho de 1853, a narrativa não trazia o nome do autor. Como chamasse atenção, foi republicada em dois volumes (1854-1855), com modificações na ordem dos capítulos e no texto, e assinada por "Um Brasileiro". A nova edição passou praticamente despercebida, e a obra caiu no esquecimento por muitos decênios, até que a renovação modernista veio a fazer-lhe justiça.

O silêncio que cercou seu aparecimento em volume constitui apenas um sinal das controvérsias e perplexidades que a obra tem levantado para quantos se abeiraram dela, como leitores e críticos. E ainda hoje, apesar dos estudos que suscitou, não se pode afirmar que o balanço crítico está realizado: sua riqueza intrínseca e a circunstância meio insólita de ter vindo a público em 1852-1853 continuam provocando exegeses de vária sorte.

Um dos primeiros problemas sugeridos pelas *Memórias* diz respeito à classificação: novela? romance? de costumes? picaresca? realista? A um exame global do texto, parece que se trata de novela, à semelhança das que Bernardo Guimarães engendraria e, sobretudo, das novelas picarescas,

com as quais se tem aproximado. **Estruturalmente, obedece ao módulo da novela: uma seqüência de células dramáticas, ou episódios, equivalentes aos capítulos, dispostos na ordem linear do tempo, com predomínio da ação sobre a análise e da técnica do suspense e do entrelaçamento. Aberta à inclusão ou exclusão de peripécias, quer no desenvolvimento, quer no epílogo, poderia, como aconteceu, sofrer mudança na disposição dos capítulos.** Destinada a entreter pelo movimento das cenas e situações, a narrativa concebe a existência como peregrinação ao longo de "passos" claramente demarcados e, por isso, suscetíveis de alteração.

Em suma: novela, e não pela extensão de páginas – critério indefensável –, mas pela estrutura, análoga à de tantas narrativas românticas e às que a tradição cavalheiresca, bucólica, sentimental e picaresca havia legado.

Indício seguro de que estamos perante uma novela se encontra no suspense, que coroa os episódios, às vezes expresso por meio de **frases-chamariz**, que objetivam manter viva a curiosidade do leitor, como: *"Por agora vamos continuar a contar o que era feito do Leonardo"*, ou *"Já vê pois o leitor que o negócio não estava malparado, e em breve saberá o resultado de tudo isto"*. Ora, tais frases remontam a *Demanda do Santo Graal*, onde é comum o narrador empregar o sintagma *"Mais ora deixa o conto a falar de dom Galaaz e torna a Melias"* para reatar o fio na história, e suspender a ação prometendo voltar ao assunto, com frases do gênero: *"assi como este conto devisará pois, em-cima do nosso livro"*, ou *"e sabiam todos aqueles que este conto ouvirem que era filho de rei Artur e fezera-o em qual guisa vos eu contarei, ca em outra guisa nom no poderiades saber"*.

Além de patentear filiação com novela, tais frases conclusivas ainda podem ser interpretadas como sinais de que a narrativa, embora publicada em folhetins semanais, não foi escrita capítulo a capítulo, como julgaram alguns críticos. É sabido que Manuel Antônio de Almeida se fundamentara nas memórias de um autêntico sargento de milícias, o português Antônio César Ramos:

*Melo Morais Filho conheceu este sargento quando, já desengajado, era diretor de escritório no Diário do Rio, após ter exercido estas mesmas funções no Correio Mercantil. Português de nascimento, chamava-se Antônio César Ramos e viera como soldado para a guerra da Cisplatina, em 1817, no Regimento de Bragança. Depois chegara a sargento de milícias, ainda na Colônia, sob o mando do Major Vidigal. Dando baixa, se passara para o emprego nos jornais. Conhecera e prezava muito Maneco Almeida, o qual antes de subir para a redação, procurava o ex-sargento, puxava-lhe da língua, armazenava casos e costumes do bom tempo antigo, pra passá-los nos seus folhetins. Tudo isto o César relatara a Melo Morais Filho, que por sua vez tudo reporta nos "Fatos e Memórias". E assim ficamos sabendo que Manuel Antônio*

*de Almeida, além de leituras possíveis, tinha um ótimo informante dos casos de polícia e gente sem casta ou sem lei que expõe no seu romance. (Mário de Andrade, Aspectos da Literatura Brasileira)*

Aproveitando as memórias do velho colega de redação, ou ainda recorrendo a outros informes, Manuel Antônio de Almeida redigiu sua narrativa em plena anarquia de uma "república":

*E era no meio desse alarido que Manuel Antônio de Almeida ia compondo muitos capítulos das Memórias, em posição bem extravagante – esticado numa marquesa, com preguiça de mudar a horizontal atitude, punha o chapéu alto sobre o ventre e em cima dele ia enchendo a lápis as suas tiras de papel, indiferente às risadas dos companheiros, sem dar grande importância ao seu trabalho, que nem era assinado, cujos capítulos muitas vezes traziam a numeração errada ou repetida, e cujas últimas linhas, sem nenhuma separação, se misturavam com as mais cruéis mesquinhas políticas de que a "Pacotilha" era fértil. (Marques Rebelo, Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida)*

Note-se que o biógrafo assevera que o ficcionista "ia compondo", e mais adiante lembra que "o romance ia saindo portanto em capítulos". Se não estavam prontos antes da série de folhetins, é de supor que alguns já conhecessem forma definitiva e que o todo da obra se esboçasse na mente do autor. Manuel Antônio de Almeida ostenta uma consciência artesanal que não admite outra alternativa: as memórias de Antônio César Ramos, conhecia-as na íntegra quando começou a dar-lhes vida nos artigos semanais. O próprio texto da novela comprova-o: o narrador interrompe o monólogo do barbeiro, a cuja guarda tinha sido entregue Leonardo, protagonista da novela, para explicar, entre parênteses, que "há neste **arranjei-me** uma história que havemos de contar", o que denuncia a segura antevisão do prosseguimento da narrativa, difícil de sustentar se o escritor a tivesse redigido capítulo a capítulo, semana a semana. E nem se diga que poderia resultar de uma intercalação *a posteriori*, nos volumes publicados em 1854-1855, uma vez que a interferência do narrador já se encontra no capítulo dado à estampa no *Correio Mercantil*.

Outros indícios do gênero podem ser colhidos ao longo da fabulação, como: "Como o velho tenente-coronel conhecia a comadre e o Leonardo, e porque se interessava por ele, o leitor saberá mais para adiante"; "A este episódio da Folia seguiam-se outros de que vamos em breve dar conta aos leitores. Por agora porém voltemos aos nossos visitantes". Nem falta uma frase que recorda as novelas de cavalaria: "Deixemos agora o Leonardo, vítima de sua dedicação, caminhar preso para o quartel, e passemos a outras cousas. Há muito tempo que não falamos em D. Maria e na sua gente"; ou uma justificativa ao leitor que,

vincando o tom coloquial da narrativa, confirma a lucidez de técnica e o pleno conhecimento da narrativa:

*Os leitores terão talvez estranhado que em tudo quanto se tem passado em casa da família de Vidinha não tenhamos falado nesta última personagem; temo-lo feito de propósito, para dar assim a entender que em nada disso tem ele tomado parte alguma.*

Em suma, Manuel Antônio de Almeida poderia ter composto a novela ao correr dos dias, como *divertissement* ou para resolver apertos econômicos, mas conhecia decerto a totalidade da intriga; **não a redigiu enquanto Antônio César Ramos a narrou, mas depois, ao menos depois que a assimilou à fantasia, sobrepondo, desse modo, sua memória do entrecho às recordações do velho sargento.**

Baseada em memórias alheias, a novela de Manuel Antônio de Almeida é, por conseguinte, uma biografia de Antônio César Ramos, ou autobiografia deste escrita por mãos alheias: da perspectiva do autor, as memórias são alheias; da perspectiva do biografado, o texto é alheio. Memórias de um outro, não do prosador, como se este se limitasse, humildemente, ao papel de escriba, não sem injetar no relato do interlocutor sementes de anarquia, oriundas de sua fantasia criadora e seu agudo senso de observação. De onde a sobreposição de memórias: o autor narra sua memória das memórias alheias, talvez cômico de as lembranças do sargento conterem um tudo-nada de exagero ou distorção do tempo, assim permitindo-lhe o livre exercício da imaginação.

### 3.2. Pícaro ou malandro?

Autobiografia que Antônio César Ramos escreve por meio de Manuel Antônio de Almeida, portanto na terceira pessoa, as *Memórias* discrepam, nesse particular, das **novelas picarescas**, via de regra na primeira pessoa – e já aqui se abre de novo o debate: Mário de Andrade foi o primeiro a roçar a questão num artigo consagrador, e outros críticos procuraram levar adiante a sugestão. Antes de mais nada, coloca-se a noção de **picaresca**, que a crítica, espanhola ou não, vem procurando equacionar desde os primeiros anos deste século. **Que é "pícaro"? Que se entende por novela picaresca?** O *Lazarillo de Tormes* (1554), ou as novelas que lhe seguiram as pegadas? Ou todas, mas, neste caso, como explicar as divergências entre elas?

Obviamente, não cabe aqui um exame do problema; deixar, porém, de ponderar alguns de seus aspectos pode comprometer o entendimento da novela de Manuel Antônio de Almeida. O pícaro, para Ludwig Pfandl,

*é um moço nascido quase sempre de pais pobres e de baixa extração, raramente honrados, o qual, por culpa de más companhias, ou por falta de instrução, ao ver-se lançado na confusão da vida e entregue a si próprio, cai na vadiagem, afasta-se do trabalho e luta contra a vida*

*como pode, com ousadia e falta de escrúpulos, com enganos, malícias e más artes, querelas e furtos. Seu distintivo exterior é o aspecto andrajoso, mas não a deformidade física. Suas ocupações são pedir esmola, os baixos trabalhos de ocasião, o vagar preguiçosamente de cidade a cidade, o trato com caminhantes, bufarinheiros e adeleiros, comediantes de aldeia ou titereiros, adivinhos e ciganos, o jogar baralho com vantagem, em uma palavra, o exercício de toda a classe de enganos e intrigas e de brincadeiras graciosas ou de mau gosto. Mas não é de modo algum mulherengo ou bebedeira, menos ainda rixento, pois lhe falta valor para isso. Seu caráter é envilecido pela ascendência umas vezes, sempre pelo meio ambiente. A necessidade de viver o faz desavergonhado e inescrupuloso mas, apesar da fome e dos fracassos, do sol e dos aguaceiros, em linguagem real e figurada, não desejaria ser diferente do que é, e não trocaria sua livre e despreocupada existência por uma sedentariedade honorável, por uma cama e um teto. Isto é em geral o pícaro.*

Então o protagonista das *Memórias não é pícaro*, embora guarde com ele remoto parentesco: entregue ao barbeiro, compadre de Leonardo Pataca, quando este fora abandonado pela Maria da Hortaliça, a novela relata a série de aventuras que experimentou até se tornar sargento de milícias, como sacristão, valdevinos etc. Sim, no tocante à origem – filho de um beliscão e uma pisadela –, assemelha-se ao pícaro, mas no restante se distancia.

O pícaro é mendigo, vagabundo, andarilho, aventureiro, com vistas a sobreviver, enquanto Leonardo não sai do Rio de Janeiro; quando muito, alguns bairros presenciavam-lhe as vadiagens. Seu perfil é mais o do malandro carioca, que vive de expedientes por desamor ao trabalho, do que o de um pícaro; suas artimanhas resultam de ter garantida a existência, erradia, uma vez que o barbeiro tem o seu pé-de-meia (o "arranjei-me"), não de ser um marginal que engana para matar a fome. Leonardo é "um completo vadio, vadio mestre, vadio tipo", como todo malandro carioca que se preza, e como todo o pícaro, apenas por coincidência.

O prof. Antonio Candido foi quem, de maneira exaustiva, analisou a relação entre Leonardo e a malandragem, no estudo mais abrangente das *Memórias* – "Dialética da Malandragem" –, de 1970, que aproveitaremos em outra parte.

Sua conclusão é de que

*Semelhante a vários pícaros, ele é amável e risonho, espontâneo nos atos e estreitamente aderente aos fatos, que o vão rolando pela vida. Isto o submete, como a eles, a uma espécie de causalidade externa, de motivação que vem das circunstâncias e que torna o personagem um títere, esvaziado de lastro psicológico e caracterizado apenas pelos*



solavancos do enredo. O sentimento de um destino que motiva a conduta é vivo nas *Memórias*, onde a comadre se refere à *sina* que acompanha o afilhado, acumulando contratempos e desmanchando a cada instante as combinações favoráveis. Como os pícaros, ele vive um pouco ao sabor da sorte, sem plano nem reflexão; mas ao contrário deles nada aprende com a experiência. De fato, um elemento importante da picaresca é essa espécie de aprendizagem que amadurece e faz o protagonista recapitular a vida à luz de uma filosofia desencantada. Mais coerente com a vocação de fantoche, Leonardo nada conclui; e o fato do livro ser narrado na terceira pessoa facilita esta inconsciência, pois cabe ao narrador fazer as poucas reflexões morais, no geral levemente cínicas e em todo o caso otimistas, ao contrário do que ocorre com o sarcasmo ácido e o relativo pessimismo dos romances picarescos. O malandro espanhol termina sempre, ou numa resignada mediocridade, aceita como abrigo depois de tanta agitação, ou mais miserável que nunca, no universo do desengano e da desilusão, que marcam fortemente a literatura espanhola do Século de Ouro.

Curtido pela vida, acuado e batido, ele não tem sentimentos, mas apenas reflexos de ataque e defesa. Traindo os amigos, enganando os patrões, não tem linha de conduta, não ama e, se vier a casar, casará por interesse, disposto inclusive às acomodações mais foscas, como o pobre Lazareto. O nosso Leonardo, embora desprovido de paixão, tem sentimentos mais sinceros neste terreno, e em parte o livro é a história do seu amor cheio de obstáculos pela sonsa Luisinha, com quem termina casado, depois de promovido, reformado e dono de cinco heranças que lhe vieram cair nas mãos sem que movesse uma palha. Não sendo nenhum modelo de virtude, é leal e chega a comprometer-se seriamente para não lesar o malandro Teotoninho Sabiá. Um anti-pícaro, portanto, nestas e outras circunstâncias, como a de não procurar e não agradecer os "superiores", que constituem a meta suprema do malandro espanhol.

**Se o protagonista for assim, é de esperar que o livro, tomado no conjunto, apresente a mesma oscilação de algumas analogias e muitas diferenças em relação aos romances picarescos.** (Grifo nosso)

### 3.3. O romantismo excêntrico

Contemporâneas de nossa melhor e mais descabelada poesia ultraromântica, as *Memórias* parecem não ter parentesco com o sentimentalismo de Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casemiro de Abreu & Cia. Ao contrário, ridicularizam os exageros sentimentais de suas personagens. Leonardo Pataca "era romântico, como se diz hoje, e babão como se dizia naquele tempo, não podia passar sem uma paixãozinha" (Cap. IV). Esse descompromisso com a idealização heróica ou com os transbordamentos da imaginação e da emoção colocam a obra de Almeida na contramão da corrente formada pelas demais obras do período romântico, o que explica o desinteresse do leitor da época pelas aventuras

e desventuras de seu *memorando*, em completo desacordo com o tom dominante. Alinhavamos, a seguir, alguns aspectos dessa excentricidade.

- **O romance sem culpa**

A ruptura da tensão bem *versus* mal que, na ficção romântica, opunha de forma maniqueísta heróis e vilões, virtudes e vícios. Nas *Memórias* as personagens são niveladas de forma divertida, ninguém é intrinsecamente bom ou mau. O bondoso barbeiro comete perjúrio e se apropria da herança cuja guarda lhe fora confiada. O aloucado Leonardo Pataca restitui, intacta, a herança que seu filho recebera do padrinho. O temível Vidigal tem repentinos de generosidade e de humana compreensão.

- **A "Arraia Miúda" e o "Zé povinho"**

As personagens são extraídas das camadas populares e muitas delas são anônimas, designadas apenas pela profissão ou grupo social: o Barbeiro, a Parteira, os meirinhos, as saloias, a Cigana, o Mestre-de-Reza, o Toma-Largura. Como documento social, observa-se a omissão de dois extratos da sociedade: da elite e da camada trabalhadora, dos escravos negros. São mínimas as referências ao trabalho braçal.

- **O narrador neutro e o leitor incluído**

O narrador assume uma atitude de surpreendente neutralidade. Não toma partido de ninguém. Apenas observa e relata, entre irônico e divertido, a vertiginosa enxurrada de *imbroglios*, trapalhadas, "trambiques", situações vexatórias e apuros de seu *memorando* e dos que o cercam, por parentesco, afeição, rivalidade ou obrigação de vigiá-lo.

De maneira informal, como nas crônicas jornalísticas, o narrador aproxima-se do leitor, incluindo-o, chamando a sua atenção para fatos que julga significativos. Essas referências metalingüísticas a acontecimentos já narrados ou ainda por narrar visam a facilitar a recepção da obra, recapitulando episódios na suposição de que o leitor os tenha esquecido ou não os tenha valorizado devidamente. Cabe lembrar que, em sua versão original, as *Memórias* foram um folheto semanal.

*Dadas as explicações do capítulo precedente, voltamos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemos-nos a dar ao leitor uma boa notícia: o menino desempacara do F, e já se achava no P, onde por uma infelicidade empacou de novo.*

- **O ancestral de Macunaíma**

Leonardo, o protagonista, não é herói nem vilão. Bastardo, filho de um beliscão e de uma pisadela, é antes um anti-herói, malandro, vadio, oportunista, precursor de Pedro Malazarte e, principalmente, de Macunaíma, na linha do "*herói-sem-nenhum-caráter*", movido não por fundamentos éticos ou religiosos, mas pela busca do prazer, ou pelo medo da

conseqüência de seus atos, ou pela simples oportunidade de se divertir.

O par amoroso Leonardo-Luisinha também é *sui generis*. Desajeitado, o *memorando* é impulsionado por alguma afeição e um indisfarçável interesse no potencial econômico da heroína, herdeira apatacada de d. Maria. Luisinha não é particularmente bonita. Ao contrário, é descrita como desgraciosa e desprovida de maiores atributos físicos ou espirituais. Não há idealização amorosa.

- **A visão carnavalizadora e a precisão descritiva**

Almeida é minucioso no registro dos costumes cariocas no período joanino. As procissões, mesclando o sacro e o profano, a religiosidade, a festa popular e a vadiagem, a Festa do Divino, o Entrudo, os fados, as modinhas e lundus, os ritos africanos nos terreiros, a vida forense, os ofícios populares, as súcias, tudo é registrado pelo narrador que integra harmoniosamente o documento social da época ao enredo, à ação romanesca.

Registram os biógrafos que o médico, jornalista e político Manuel Antônio de Almeida foi membro da diretoria da primeira sociedade carnavalesca do Rio de Janeiro, o "Congresso das Sumidades Carnavalescas", fundada em 1855, o que sugere a sua convivência com a cultura popular de sua época. Dessa convivência, as *Memórias* aproveitam o registro numeroso dos instrumentos musicais, das danças, modinhas, fados e lundus, incluindo a transcrição de trechos de três modinhas populares. Ao lado dessa fidelidade à vocação musical e festiva do carioca, registre-se, em outro nível, **a visão carnavalizadora** da sociedade, a mostrar o avesso das instituições do clero, da justiça, do governo e das famílias. O humor substitui a exaltação sentimental dos românticos.

- **O registro jornalístico e coloquial**

A linguagem nada tem de ufanista e se afasta do tom enfático e adjetivo dos contemporâneos. Nas intervenções do narrador, é respeitadora da norma culta, mas, nos diálogos entre as personagens, é revestida de forte oralidade, reproduzindo lusitanismos e solecismos, característicos do registro coloquial. É um estilo tosco, direto, sem efeitos embelezadores, derivado do tom informal de bate-papo, ou da crônica jornalística. Esse "à vontade" no tratamento lingüístico é, com insistência, apontado pela crítica, ora como um defeito de composição, ora como um fato antecipador da linguagem de Lima Barreto, da dos modernistas como Mário, Oswald, Alcântara Machado, entre outros e, mais recentemente, do chamado romance ou conto-reportagem, de João Antônio, José Louzeiro, Reinaldo Moraes, Marcos Rey, Ignácio de Loyola Brandão e Marcelo Rubem Paiva. A diferença é que nem sempre estes últimos logram, para além do registro social, a efetivação estética de suas narrativas.

- **O realismo ingênuo**

Há realismo nas *Memórias*, contudo um realismo espontâneo, arcaico. Nada tem de antecipador do Realismo/Naturalismo da segunda metade do século XIX. Nada tem de cientificista e determinista. Não se trata do Realismo como programa, como doutrina estético-literária. É um realismo que se esgota na fidelidade, na transcrição do que é ou do que foi. Não é crítico nem analítico. É o realismo como uma constante universal do espírito humano e da arte, que se compraz em traduzir a realidade, atitude que deriva da natural busca humana da verdade.

#### 4. RESUMO DO ENREDO

Chamado por Antonio Candido de "*romance em moto-contínuo*", as *Memórias* são difíceis de resumir, dada a sucessão vertiginosa de cenas, acontecimentos e tipos sociais, precariamente amarrados na história de Leonardo e Luisinha. Por isso optamos por apresentar, capítulo por capítulo, os incidentes do enredo, acrescentando os comentários que julgamos pertinentes.

##### I. Origem, nascimento e batismo

*Era no tempo do rei.*

*Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O canto dos meirinhos –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração).*

As memórias começam por uma caracterização jocosa da vida judiciária e da hierarquia forense, dos meirinhos aos desembargadores. Esse quadro social serve de preâmbulo para introduzir a figura de Leonardo Pataca, de seus antecedentes portugueses, de seu romance fortuito no navio que o trouxe com Maria da Hortaliça, de que resultou, sete meses depois, o nascimento do *memorando*, que recebeu o mesmo nome do herói. O compadre barbeiro e a comadre parteira levam o recém-nascido à pia batismal. Segue-se a divertida caracterização da festa, que o pai queria com a solenidade do minuete e da corte e que descamba rapidamente para a modinha popular.

##### II. Primeiros infortúnios

Narra a infância de Leonardo até os sete anos, suas primeiras traquinagens, simpatias e antipatias, além da especial predileção pelo chapéu armado do pai, tomado como espanador de móveis ou do chão. Segue-se a ruptura do casal Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, flagrada

com outro homem. Durante a briga, Leonardo é enxotado com um pontapé nos fundilhos, ao som do epíteto:

*“És filho de uma pisadela e de um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta. E o primeiro "trauma" do protagonista, que fica então aos cuidados do padrinho barbeiro, com a ajuda da madrinha.*

### **III. Despedida às travessuras**

Já na casa do barbeiro, este faz projetos para o futuro do afilhado e dá início à sua alfabetização. Entretanto, este parecia mais propenso a divertir-se, contrariando a todos.

*Umas vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos fregueses quando estes se estavam barbeando. Uns enfureciam-se, outros riam sem querer; do que resultava que saíam muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descrédito do padrinho. Outras vezes escondia em algum conato a mais afiada navalha do padrinho, e o freguês levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciência enquanto este a procurava; ele ria-se furtiva e malignamente.*

O compadre decide-se pela vida religiosa de seu protegido, e o Leonardo dá a sua primeira escapadela, acompanhando a Via-Sacra do Bom Jesus.

### **IV. Fortuna**

Leonardo Pataca amasia-se com uma cigana, que também o abandona e trai. O velho meirinho apela para um preto velho feiticeiro para que traga de volta a cigana. Durante a cerimônia são todos surpreendidos no terreiro pelo Major Vidigal, que leva Leonardo preso.

### **V. O Vidigal**

Caracteriza o chefe das milícias, única personagem rigorosamente histórica da narrativa, e expõe o castigo exemplar aplicado aos supersticiosos, que receberam chibatadas e foram obrigados a dançar várias vezes.

### **VI. Primeira noite fora de casa**

Leonardo desaparece em meio a uma procissão e, acompanhado de dois meninos de rua, vai parar num acampamento de ciganos. Segue-se a caracterização da dança do fado. Graças à comadre, Leonardo Pataca é posto em liberdade.

### **VII. A comadre**

O narrador detém-se na caracterização da parteira, misto de beata e fofqueira, de parteira e benzedeira, sempre atenta às fofocas e cochichos das beatas.

### **VIII. O pátio dos bichos**

Caracterização da sala onde ficam os oficiais do reino, à espera das ordens reais. A comadre intercede junto ao tenente-coronel a favor do velho meirinho.

### **IX. O – arranjei-me – do compadre**

Retomando uma intervenção antecipadora que o narrador faz no capítulo III, apresenta-se, agora, a origem do patrimônio do compadre barbeiro, que se apropriou das economias do capitão do navio que o trouxe para o Brasil, em vez de entregá-las como prometera, à filha.

### **X. Explicações**

Em um *flash-back* retrospectivo, o narrador revela as relações entre o tenente-coronel e Maria da Hortaliça, desvirginada por seu filho. Daí a sua generosidade para com o velho Leonardo.

### **XI. Progresso e atraso**

Detém-se, de início, na vida escolar do *memorando*, que desenrolara do F, mas encahara no P. O barbeiro e a vizinha, que têm opiniões opostas sobre o caráter de Leonardo, discutem, e o menino, para a satisfação do padrinho, ridiculariza a vizinha, imitando-a.

### **XII. A entrada para a escola**

Leonardo já lia sozotrando sofrivelmente. Logo no primeiro dia de escola, pela manhã, recebeu quatro bolos de palmatória por derrubar um tinteiro na calça do colega e rir do mestre; à tarde foram mais doze bolos, por não parar quieto e por atirar um bolo de papel que quase atingiu o mestre. Almeida caracteriza os métodos educacionais da época. Leonardo acaba por abandonar a escola.

### **XIII. Mudança de vida**

Com dois anos de escola, Leonardo consegue "*ler mal e escrever pior*". Desobediente, irreverente, destruidor de material e velhaco, pois vendia tudo o que conseguia, é apelidado "*o gazeta-mor*", "*apanha-bolos-mor*". Na Igreja da Sé, faz amizade com o pequeno sacristão e encontra na vida de coroinha um campo mais vasto para suas diabruras. O compadre imagina que este fosse um bom caminho para inseri-lo na vida religiosa. Já de início, o menino vingava-se da vizinha jogando incenso em seu rosto e derramando-lhe cera de vela derretida na mantilha.

### **XIV. Nova vingança e seu resultado**

O mestre de cerimônias é o padre libidinoso que mantém relações com a cigana que abandonara Leonardo Pataca. Era "*de fornecer a Bocage*

assunto para um poema inteiro". Leonardo o faz perder a hora para um sermão importante e o faz revelar sua relação com a cigana.

### **XV. Estralada**

Leonardo Pataca investe, por seu lado, contra a cigana e seu novo amante, o padre. No aniversário dela, descobre que o mestre de cerimônia estará presente e contrata o capoeira Chico-Juca para criar confusão, avisando de antemão o Major Vidigal. O padre acaba preso, de ceroulas, em situação comprometedora.

### **XVI. O sucesso do plano**

O padre, depois da prisão, abandona a cigana; Leonardo Pataca volta a conquistá-la e passam a viver juntos.

### **XVII. Dona Maria**

Após uma caracterização minuciosa das procissões da época, inclusive com a presença de uma ala de baianas, como nos carnavais de hoje, o narrador focaliza a figura de d. Maria, gorda, de bom coração, devotada aos pobres e à religião, e às demandas forenses que eram sua paixão. O barbeiro e seu sobrinho passam a freqüentá-la.

### **XVIII. Amores**

Leonardo já entra na vida adulta. É um "*completo vadio, vadio mestre, vadio tipo*". O narrador, a partir deste capítulo, especifica que o nosso *memorando* passa a ser chamado apenas pelo prenome, Leonardo, e seu pai passa a ser designado por Leonardo Pataca. Entra em cena Luisinha, sobrinha e tutelada de d. Maria, meio desajeitada, mas que impressiona Leonardo.

### **XIX. Domingo do Espírito Santo**

Após minuciosa caracterização da festa do Divino Espírito Santo, o narrador se entretém em focalizar a paixão nascente de Leonardo por Luisinha.

### **XX. Fogo no campo**

Durante o fogueatório, Leonardo ousa pegar na mão de Luisinha, o que, pelos usos da época, era o começo de uma relação íntima.

### **XXI. Contrariedades**

Leonardo se vê muito apaixonado, mas aparece um rival, José Manuel, interessado no dote da menina, única herdeira de d. Maria.

### **XXII. Aliança**

O compadre e, especialmente, a comadre, armam um plano contra José Manuel e a favor de seu protegido.

### **XXIII. Declaração**

Finalizando a primeira parte do livro, o autor narra de modo cômico a declaração de Leonardo a Luisinha, pressionado pelo rival, e após muitas tentativas e retrocessos.

### **XXIV. A comadre em exercício**

Descreve-se o trabalho da parteira junto a Chiquinha, amásia do velho Leonardo.

### **XXV. Trama**

A comadre inventa para d. Maria que o rival de Leonardo, José Manuel, fora o raptor de uma moça no Oratório da Pedra, transformando no principal suspeito de um rumoroso caso policial.

### **XXVL. Derrota**

D. Maria cai na intriga da comadre e rompe com José Manuel, que tenta descobrir quem é que o indispunha contra a tutora de Luisinha.

### **XXVII. O mestre-de-reza**

Cego, professor de catecismo, passa a ser o procurador de José Manuel junto a d. Maria, para desfazer a intriga da comadre.

### **XXVID. Transtorno**

Morre o compadre barbeiro e Leonardo recolhe-se à casa do pai, passando a morar junto com Chiquinha e o recém-nascido.

### **XXIX. Pior transtorno**

Leonardo e Chiquinha se desentendem. O velho Pataca assume o partido da mulher, interfere de espadim em riste contra o filho, que foge desencabrestado, "*pondo dez léguas por hora*", só da lembrança do pontapé que levara na infância.

### **XXX. Remédio aos males**

Leonardo reencontra seu antigo camarada sacristão, Tomás da Sé, companheiro de diabruras, e se junta à sua súcia. Conhece a mulata Vidinha, com 18 a 20 anos, cantora de modinhas e tocadora de viola. Apaixona-se por ela.

### **XXXI. Novos amores**

Leonardo agrega-se à "*sua gente*". Sua nova família é formada por duas irmãs viúvas, uma com três filhos ferroviários e a outra com três filhas, sendo uma delas, Vidinha. Há ainda agregados e vizinhos, que se tornam os novos companheiros das patuscadas.



**XXXII. José Manuel Triunfo**

A intriga da comadre é desfeita pelo Mestre-de-Reza, que a desmascara perante d. Maria.

**XXXIII. O agregado**

Instalado na casa de Tomás da Sé como agregado, Leonardo provoca rivalidade com um dos primos, que desanda em grossa pancadaria. Leonardo decide sair da casa, mas as velhas não consentem.

**XXXIV. Malsinação**

A comadre e as duas viúvas se entretêm com as desditas de Leonardo, que em meio a uma patuscada cai nas garras do Major Vidigal por vadiagem, denunciado que fora pelos primos rivais.

**XXXV. Triunfo completo de José Manuel**

José Manuel casa-se com Luisinha após êxito em uma causa forense patrocinada pela velha. Luisinha aceita o pretendente com indiferença.

**XXXVI. Escapula**

Leonardo, conduzido por Vidigal à Casa da Guarda, foge no caminho e volta para a casa de Vidinha. O Major, ridicularizado em público, promete vingança.

**XXXVII. Vidigal desapontado**

*"Passarinho foi-se embora // Deixou-me as penas na mão"* – era o refrão cantado pelos granadeiros e pela multidão para ridicularizar o Vidigal, que planeja a recaptura. A comadre, ignorando a fuga de seu protegido, chora ajoelhada aos pés do Major e suplica pelo afilhado.

**XXXVIII. Caldo entornado**

A comadre dirige-se à casa das velhas e exige de Leonardo que procure emprego e abandone a vadiagem. Consegue para ele emprego na Ucharia Real (depósito de mantimentos), que Leonardo alivia do patrimônio Real. Na Ucharia, mora o Toma-Largura com sua mulher, por quem Leonardinho se interessa, esquecendo-se de Vidinha. O Toma-Largura flagra Leonardo tomando um caldo com sua mulher e o escorraça de casa e, em seguida, do emprego.

**XXXIX. Ciúmes**

Vidinha vinga-se da mulher do Toma-Largura e Leonardo é capturado pelo Major Vidigal. Constrangido, a sentar praça como granadeiro no Regimento Novo, requisitado pelo Major para tarefas policiais.

**XL. Fogo de palha**

Vidinha vai tirar satisfação na casa do Toma-Largura, cuja amásia dera em cima de seu Leonardo.

**XLI. Represálias**

Todos se põem à procura de Leonardo. Suspeitam que tenha sido preso pelo Major. O Toma-Largura faz a corte à Vidinha, com apoio das velhas. Organizam uma patuscada em Cajueiros, o Toma-Largura se embebeda e aparece o temível Vidigal, que manda Leonardo, agora transformado em granadeiro, prender o rival embriagado.

**XLII. O Granadeiro**

Concretizada a vingança contra o Toma-Largura, deixado bêbado na calçada, o Leonardo oscila entre as funções de soldado e a vocação de vadio. Os gaiatos da cidade inventaram um fado com o seguinte estribilho: "*Papai lelê, seculorum*", no qual o Major figurava como morto, estendido no meio da sala, e os patuscos cantavam formando roda, cantigas alusivas. Leonardo, fazendo o papel de morto, é pilhado novamente pelo Vidigal.

**XLIII. Novas diabruras**

Desta vez, não houve punição e o memorando é encarregado da prisão de Teotônio, cantor e tocador de modinhas e também banqueiro de jogos proibidos. A captura dar-se-ia na casa do velho Leonardo Pataca, por ocasião do batizado de seu filho. O jovem Pataca, bem-recebido em seu antigo lar, revela a missão de que fora incumbido e arma um plano para dar fuga a Teotônio.

**XLIV. Descoberta**

Um amigo indiscreto, ao cumprimentar Leonardo na frente do Major pela "façanha", acarreta sua prisão imediata. José Manuel, "*marido dragão*" de Luisinha, revela-se péssimo companheiro e se desentende com d. Maria acerca de uma demanda. A protetora de Luisinha reconcilia-se com a comadre.

**XLV. Empenhos**

A comadre intercede inutilmente junto ao Major pelo seu afilhado que, preso, seria chibatado. A tentativa é inútil. Une-se, então, a d. Maria e vão procurar Maria-Regalada, ex-amante do Major. "*Já naquele tempo (e dizem que é defeito nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola real de todo o movimento social*", observa lucidamente o narrador.

**XLVI. As três em comissão**

D. Maria, a comadre e Maria-Regalada se despacham em comissão para a casa do Major, em favor de Leonardo. Primeiramente, a comadre

tenta o argumento "Ora, a lei ...o que é a lei, se o senhor Major quiser? ...". Este argumento não funcionou. Em seguida, as três caem em prantos pelo protegido. O Major permanece inflexível. Finalmente, o argumento decisivo: Maria-Regalada chama o Major para um canto e, em segredo, propõe morarem juntos. O resultado não se fez esperar.

#### **XLVII. A morte é juiz**

No regresso de d. Maria, ela recebe notícia de que José Manuel morrera repentinamente de um ataque apoplético, depois de um enterevo forense, com o procurador de d. Maria. Solto, Leonardo volta uniformizado como sargento da Companhia de Granadeiros e reencontra Luisinha. Reatam e despedem-se com um aperto de mão "bastante para dar que falar ao mundo inteiro".

#### **XLVIII. Conclusão feliz**

Após a missa de sétimo dia, d. Maria entre suas rezas planejava o futuro de Luisinha, agora viúva e apatacada. O casamento com Leonardo enfrentava o obstáculo de que, naquela época, soldado não podia se casar. Levam o problema ao Major, agora vivendo com Maria-Regalada. Uma semana depois, por influência da mulher, o memorando obtém baixa na tropa de linha e é, simultaneamente, nomeado para o nada desprezível posto de sargento de milícias. Recebe, ainda, de seu pai, a herança do padrinho. Terminado o luto, advém o final feliz e o casamento com Luisinha. Morrem, depois, d. Maria e Leonardo Pataca, e o narrador conclui: "uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final".

### **5. A DIALÉTICA DA MALANDRAGEM O UNIVERSO DA ORDEM E O UNIVERSO DA DESORDEM**

A leitura das *Memórias*, como formalização estética de circunstâncias de caráter social profundamente significativas, encontram no estudo do Prof. Antonio Candido, "Dialética da Malandragem", in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970, n. 8, pp.67-88, texto básico para a compreensão da natureza popular e sociológica da obra de Manuel Antônio de Almeida e para a avaliação da eficiência e durabilidade com que atua sobre a imaginação dos leitores. Transcrevemos, fragmentariamente, algumas conclusões desse estudo.

*Embora elementares como concepção de vida e caracterização dos personagens, as Memórias são um livro agudo como percepção das relações humanas tomadas em conjunto. Se não teve consciência nítida,*

é fora de dúvida que o autor teve maestria suficiente para organizar certo número de personagens segundo intuições adequadas da realidade social.

Tomemos como base o personagem central do livro, Leonardo Filho, imaginando que ocupa no respectivo espaço uma posição também central; à direita está sua mãe, à esquerda seu pai, os três no mesmo plano. Com um mínimo de arbítrio podemos dispor os demais personagens, mesmo alguns vagos figurantes, acima e abaixo desta linha equatorial por eles formada. Acima estão os que vivem segundo normas estabelecidas, tendo no ápice o grande representante delas, Major Vidigal; abaixo estão os que vivem em oposição ou pelo menos integração duvidosa em relação a elas. Poderíamos dizer que há, deste modo, um hemisfério positivo da ordem e um hemisfério negativo da desordem, funcionando como dois ímãs que atraem Leonardo, depois de terem atraído seus pais. A dinâmica do livro pressupõe uma gangorra dos dois pólos, enquanto Leonardo vai crescendo e participando ora de um, ora de outro, até ser finalmente absorvido pelo pólo convencionalmente positivo.

Sob este aspecto, pai, mãe e filho são três nódulos de relações, **positivas** e **negativas** sendo que os dois primeiros constituem uma espécie de prefiguração do destino do terceiro. Leonardo Pataca, o pai, faz parte da ordem, como oficial de justiça; e apesar de ilegítima, sua relação com Maria da Hortaliça é habitual e quase normal segundo os costumes do tempo e da classe. Mas depois de abandonado por ela, entra num mundo suspeito por causa do amor pela Cigana, que o leva às feitiçarias proibidas do Caboclo do Manguê, onde o Major Vidigal o surpreende para metê-lo na cadeia. Ainda por causa da Cigana promove o sarilho em sua festa, contratando o desordeiro Chico-Juca, o que motiva nova intervenção do Vidigal e expõe a vergonha pitoresca de um padre, o Mestre de Cerimônias. Mais tarde, a Cigana passa a viver com Leonardo Pataca, até que finalmente, já maduro, ele forme com a filha da Comadre, Chiquinha, um casal estável, embora igualmente desprovido de bênção religiosa, como (repitamos) podia ser quase normal naquele tempo entre as camadas modestas. Assim, Leonardo Pai, representante da ordem, desce a sucessivos círculos da desordem e volta em seguida a uma posição relativamente sancionada, tangido pelas intervenções pachorrentas e brutais do Major Vidigal, – personagem que existiu e deve ter sido fundamental numa cidade onde, segundo um observador da época, "há que evitar sair sozinho à noite e ser mais atento à sua segurança do que em qualquer outra parte, porque são freqüentes os roubos e crimes, apesar de a polícia ser lá tão encontradiça como areia no mar".

A vida de Leonardo Filho será igualmente uma oscilação entre os dois hemisférios", com maior variedade de situações.

*Se analisarmos o sistema de relações em que está envolvido, veremos primeiro a atuação dos que procuram encaminhá-lo para a ordem: seu padrinho, o Compadre; sua madrinha, a Comadre. Através deles entra em contacto com uma senhora bem posta na vida, Dona Maria, que se liga por sua vez a um próspero intrigante, José Manuel, acolitado pelo cego que ensina doutrina às crianças, o Mestre de Reza; que se liga sobretudo à sobrinha Luisinha, herdeira abastada e futura mulher de Leonardo, depois de um primeiro casamento com o dito José Manuel. Estamos no mundo das alianças, das carreiras, das heranças, da gente de posição definida: em nível modesto, o Padrinho barbeiro; em nível talvez intermédio, a Vizinha; em nível mais elevado, Dona Maria. Todos estão do lado **positivo** que a polícia respeita e cujas festas o Major Vidigal não vai rondar.*

*Vista deste ângulo, a história de Leonardo Filho é a velha história do herói que passa por diversos riscos até alcançar a felicidade, mas expressa segundo uma constelação social peculiar, que a transforma em história do rapaz que oscila entre a ordem estabelecida e as condutas transgressivas, para finalmente integrar-se na primeira, depois de provido da experiência das outras. O cunho especial do livro consiste em certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do "homem como ele é", mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal.*

*Na construção do enredo esta circunstância é representada objetivamente pela atitude de espírito com que o narrador expõe os momentos de ordem e de desordem, que acabam igualmente nivelados ante um leitor incapaz de julgar, porque o autor retirou qualquer escala necessária para isto. Mas há algo mais profundo, que ampara as camadas superficiais de interpretação: a equivalência da ordem e da desordem na própria economia do livro, como se pode verificar pela descrição das situações e das relações. Tomemos apenas dois exemplos.*

*Leonardo gosta de Luisinha desde menino, desde o belo episódio do "Fogo no Campo", quando vê o seu rostinho acanhado de circzeira transfigurado pela emoção dos rojões coloridos. Mas como as circunstâncias (ou, nos termos do livro, a "sina") a afastam dele para o casamento convencional com José Manuel, ele, sem capacidade de sofrer (pois ao contrário do que diz o narrador não tem a fibra amorosa do pai), passa facilmente a outros amores e à encantadora Vidinha. Esta lembra, pela espontaneidade dos costumes, a moreninha "amigada" com o tropeiro, que amenizou a estadia do mercenário alemão, Schlichthorst no Rio daquele tempo, cantando modinhas sentada na esteira, junto com a mãe complacente.*

*Luisinha e Vidinha constituem um par admiravelmente simétrico. A primeira, no plano da ordem, é a mocinha burguesa com quem não há relação viável fora do casamento, pois ela traz consigo herança, parentela, posição e deveres. Vidinha, no plano da desordem, é a mulher*

*que se pode apenas amar, sem casamento nem deveres, porque nada conduz além da sua graça e da sua curiosa família sem obrigação nem sanção, onde todos se arrumam mais ou menos conforme os pendores do instinto e do prazer. É durante a fase dos amores com Vidinha, ou logo após, que Leonardo se mete nas encrencas mais sérias e pitorescas, como que libertado dos projetos respeitáveis que o padrinho e a madrinha tinham traçado para a sua vida.*

*Ora, quando o "destino" o reaproxima de Luisinha, providencialmente viúva, e ele retoma o namoro que levará direto ao casamento, notamos que a tonalidade do relato não fica mais aprovativa e, pelo contrário, que as seqüências de Vidinha têm um encanto mais cáldo. Como Leonardo, o narrador parece aproximar-se do casamento com a devida circunspeção, mas sem entusiasmo.*

*Nessa altura, comparamos a situação com tudo que sabemos dos seres no universo do livro e não podemos deixar de fazer uma extrapolação. Dada a estrutura daquela sociedade, se Luisinha pode vir a ser uma esposa fiel e caseira, o mais provável é que Leonardo siga a norma dos maridos e, descendo alegremente do hemisfério da ordem, refaça a descida pelos círculos da desordem, onde o espera aquela Vidinha ou outra equivalente, para juntos formarem um casal suplementar, que se desfará em favor de novos arranjos, segundo os costumes da família brasileira tradicional. Ordem e desordem, portanto, extremamente relativas, se comunicam por caminhos inumeráveis, que fazem do oficial de justiça um empreiteiro de arruaças, do professor de religião um agente de intrigas, do pecado do Cadete a mola das bondades do Tenente-Coronel, das uniões ilegítimas situações honradas, dos casamentos corretos negociatas escusas.*

*"Tutto nel mondo è burla", – cantam Falstaff e o Coro para resumir as confusões e peripécias no final da ópera de Verdi. "Tutto nel mondo è burla", parece dizer o narrador de Memórias de um sargento de milícias, romance que tem traços de ópera bufa. Tanto assim, (e chegamos ao segundo exemplo), que a conclusão feliz é preparada por uma atitude surpreendente do Major Vidigal, que no livro é a encarnação da ordem, sendo manifestação de uma consciência exterior, única prevista no seu universo. De fato, a ordem convencional a que obedecem os comportamentos, mas a que no fundo permanecem indiferentes as consciências, é aqui mais do que em qualquer outro lugar o policial na esquina, isto é, Vidigal, com a sua sisudez, seus guardas, sua chibata e seu relativo fair-play.*

*Ele é delegado de um mundo apenas entrevisto durante a narrativa, quando a Comadre sai a campo para obter a soltura de Leonardo Pataca. Como todos sabem, vai pedir a proteção do Tenente-Coronel, membro da guarda caricata de velhos oficiais, que cochilam, numa sala do Palácio Real. O Tenente-Coronel por sua vez busca o empenho do Fidalgo (que vive com seu capote e os seus tamancos numa casa fria e*

mal guarnecida), para que este fale ao Rei. O Rei, que não aparece mas sobrepaira como fonte de tudo, é que falará com Vidigal, instrumento da sua vontade. Mais do que um personagem pitoresco, Vidigal encarna toda a ordem; por isso, na estrutura do livro é um fecho de abóboda e, sob o aspecto dinâmico, a única força reguladora de um mundo solto, pressionando de cima para baixo e atingindo um por um os agentes da desordem. Ele prende Leonardo Pai na casa do Caboclo e o Mestre de Cerimônias na da Cigana. Ele ronda o baile do batizado de Leonardo Filho e intervém muitos anos depois na festa de aniversário de seu irmão, consequência de novos amores do pai. Ele persegue Teotoninho Sabiá, desmancha o piquenique de Vidinha, atropela o Toma-Largura, persegue e depois prende Leonardo Filho, fazendo-o sentar praça na tropa. O seu nome faz tremer e fugir.

Sendo assim, quando a Comadre resolve obter o perdão do afilhado é a Vidigal que pensa recorrer, por meio de uma nova série de mediações muito significativas dessa dialética da ordem e da desordem que se está procurando sugerir. Modesta socialmente, enredeira e complacente, reforça-se procurando a próspera Dona Maria, que seria empenho forte para o representante da lei, sempre acessível aos proprietários bem situados. Mas Dona Maria vira habilmente o leme para outra banda e recorre a uma senhora de costumes que haviam sido fáceis, como se dizia quando eles ainda eram difíceis. E é com a pura ordem de um lado, encarnada em Dona Maria, e de outro a desordem feita ordem aparente, encarnada em sua pitoresca xará Maria Regalada, que a Comadre parte para assaltar a cidadela ríspida, o Tutu geral, o desmancha-prazeres do Major.

A cena é digna de um tempo que produziu Martins Pena. Toda a gente lembra de que modo, para surpresa do leitor, Vidigal é declarado "babão" e se desmancha de gosto entre as saias das três velhotas. Como resistisse, enfronhado na intransigência dos policiais conscienciosos, Maria Regalada o chama de lado e lhe segreda qualquer coisa. Ao que parece, promete ir viver com ele ou, pelo menos, estar de novo ao seu dispor. A fortaleza da ordem vem abaixo ato contínuo e não apenas solta Leonardo, mas dá-lhe o posto de sargento, que aparecerá no título do romance e com o qual, já reformado na segunda linha, casará triunfalmente com Luisinha, enfeixando cinco heranças para dar maior solidez à sua posição no hemisfério positivo.

Posição de tal modo firme, que poderá, como sugerimos, baixar eventualmente ao mundo agradável da desordem, agora com o exemplo supremo do Major Vidigal, que cedeu ao pedido de uma dama galante apoiada por uma dama capitalista, em suave conluio dos dois hemisférios, por iniciativa de uma terceira dama, que circula livremente entre ambos. Ordem e desordem se articulam portanto solidamente; o mundo hierarquizado na aparência se revela essencialmente subvertido, quando os extremos se tocam e a habilidade geral dos personagens é justificada pelo escorregão que traz o Major das alturas sancionadas da

lei para complacências duvidosas com as camadas que ele reprime sem parar.

*Há um traço saboroso que funde no terreno do símbolo essas confusões de hemisférios e esta subversão final de valores. Quando as mulheres chegam à sua casa (Dona Maria na cadeirinha, as outras se esbofando ao lado), o Major aparece de chambre de chita e tamancos, num desmazelo que contradiz o seu aprumo durante o curso da narrativa. Atarantado com a visita, desfeito em risos e arrepios de erotismo senil, corre para dentro e volta envergando a casaca do uniforme, devidamente abotoada e luzindo em seus galões, mas com as calças domésticas e os mesmos tamancos batendo no assoalho. E aí temos o nosso ríspido dragão da ordem, a consciência ética do mundo, reduzido a imagem viva dos dois hemisférios, porque nesse momento está realmente equiparado a qualquer dos malandros que perseguia: aos dois Leonardos, a Teotoninho Sabiá, ao Toma-Largura, ao Mestre de Cerimônias. Como este, que, ao aparecer contraditoriamente de solidéu e ceroulas no quarto da Cigana, misturava em signos burlescos a majestade da Igreja e as doçuras do pecado, ele agora é farda da cintura para cima, roupa caseira da cintura para baixo, calçado vulgar nos pés, – encorajando a razão nas bitolas da lei e desafiando o plexo solar nas indisciplinas amáveis.*

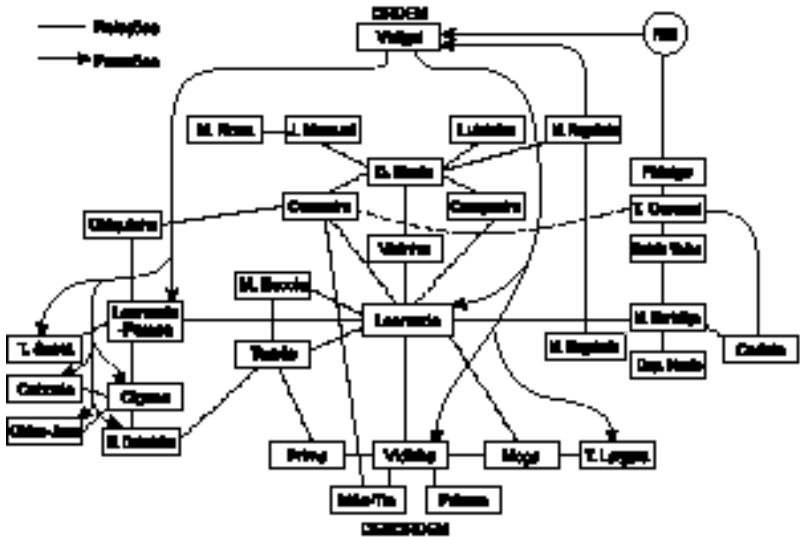
*Este traço dá o sentido profundo do livro e do seu balanceio caprichoso entre ordem e desordem. Tudo se arregla então num plano mais significativo que o das normas convencionais; e nós lembramos que o bom, o excelente padrinho, se "arranjou" na vida perjurando, traindo a palavra dada a um moribundo, roubando aos herdeiros ouro que o mesmo lhe confiara. Mas este ouro não serviu para ele se tornar um cidadão honesto e, sobretudo, prover Leonardo? "Tutto nel mondo è burla".*

*É burla e é sério, porque a sociedade que formiga nas Memórias é sugestiva, não tanto por causa das descrições de festejos ou indicações de usos e lugares; mas porque manifesta num plano mais fundo e eficiente o referido jogo dialético da ordem e de desordem funcionando como correlativo ao que se manifestava na sociedade daquele tempo. Ordem dificilmente imposta e mantida, cercada de todos os lados por uma desordem vivaz, que antepunha vinte mancebias a cada casamento e mil uniões fortuitas a cada mancebia. Sociedade na qual uns poucos livres trabalhavam e os outros flauteavam ao Deus dará, colhendo as sobras do parasitismo, dos expedientes, da munificência, da sorte ou do roubo miúdo. Suprimindo o escravo, Manuel Antônio suprimiu quase totalmente o trabalho; suprimindo as classes dirigentes, suprimiu os controles do mando. Ficou o ar de jogo dessa organização bruxuleante fissurada pela anomia, que se traduz na dança dos personagens entre lícito e ilícito, sem que possamos afinal dizer o que é um e o que é o outro, porque todos acabam circulando de um para outro com uma*



*naturalidade que lembra o modo de formação das famílias, dos prestígios, das fortunas, das reputações, no Brasil urbano da primeira metade do século 19. Romance profundamente social, pois, não por ser documentário, mas por ser construído segundo o ritmo geral da sociedade, vista através de um dos seus setores. E sobretudo porque dissolve o que há de sociologicamente essencial nos meandros da construção literária.*

O gráfico que reproduzimos, e que ilustra o estudo transcrito, permite visualizar o emaranhado de pressões e relações que aproximam os hemisférios da ordem e da desordem e é um bom exercício de recapitulação dos incidentes da narrativa.



## LEITURA

CAPÍTULO I  
ORIGEM, NASCIMENTO E BATISMO

Era no tempo do rei<sup>1</sup>.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – *O canto dos meirinhos*<sup>2</sup> – e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores<sup>3</sup>. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o *processo*.

Daí sua influência moral.

Mas tinham ainda outra influência, que é justamente a que falta aos de hoje: era a influência que derivava de suas condições físicas. Os meirinhos de hoje são homens como quaisquer outros; nada têm de imponentes<sup>4</sup>, nem no seu semblante nem no seu trajar, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição. Os meirinhos desse belo tempo não, não se confundiam com ninguém; eram originais, eram tipos, nos seus semblantes transluzia um certo ar de majestade forense<sup>5</sup>, seus olhares calculados e sagazes<sup>6</sup> significavam chicana<sup>7</sup>. Trajavam sisuda<sup>8</sup> casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadim, e na ilharga<sup>9</sup> direita penduravam um círculo branco, cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Colocado sob a importância vantajosa destas condições, o meirinho usava e abusava de sua posição. Era terrível quando, ao voltar uma esquina ou ao sair de manhã de sua casa, o cidadão esbarrava com uma daquelas solenes figuras que, desdobrando junto dele uma folha de papel, começava a lê-la em tom confidencial! Por mais que fizesse não havia remédio em tais circunstâncias senão deixar escapar dos lábios o terrível – *Dou-me por citado*. – Ninguém sabe que significação fatalíssima e cruel tinham estas poucas palavras! eram uma sentença de peregrinação<sup>10</sup> eterna que se pronunciava contra si mesmo; queriam dizer que se começava uma longa e afadigosa<sup>11</sup> viagem, cujo termo<sup>12</sup> bem distante era a caixa da Relação, e durante a qual se tinha de pagar importe de passagem em um sem-número de pontos; o advogado, o procurador, o inquiridor, o escrivão, o juiz, inexoráveis<sup>13</sup> Carontes<sup>14</sup>, estavam à porta de mão estendida, e ninguém

passava sem que lhes tivesse deixado, não um óbulo<sup>15</sup>, porém todo o conteúdo e suas algibeiras<sup>16</sup>, e até a última parcela de sua paciência.

Mas voltemos à esquina. Quem passasse por aí em qualquer dia útil dessa abençoada época veria sentado em assentos baixos, então usados, de couro, e que se denominavam – cadeiras de campanha – um grupo mais ou menos numeroso dessa nobre gente conversando pacificamente em tudo sobre que era lícito<sup>17</sup> conversar: na vida dos fidalgos, nas notícias do Reino e nas astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos<sup>18</sup> que formavam essa equação meirinhoal pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca. Chamavam assim a uma rotunda<sup>19</sup> e gordíssima personagem de cabelos brancos e carão avermelhado, que era o decano<sup>20</sup> da corporação, o mais antigo dos meirinhos que viviam nesse tempo. A velhice tinha-o tornado moleirão e pachorrento<sup>21</sup>; com sua vagareza atrasava o negócio das partes; não o procuravam; e por isso jamais saía da esquina; passava ali os dias sentado na sua cadeira, com as pernas estendidas e o queixo apoiado sobre uma grossa bengala, que depois dos cinquenta era a sua infalível companhia. Do hábito que tinha de queixar-se a todo o instante de que só pagassem por sua citação a módica quantia de 320 réis, lhe viera o apelido que juntavam ao seu nome.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe<sup>22</sup> em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o que, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, salaia<sup>23</sup> rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado e sobretudo era maganão<sup>24</sup>. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado, ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

Chegou o dia de batizar-se o rapaz: foi madrinha a parteira; sobre o padrinho houve suas dúvidas: o Leonardo queria que fosse o Sr. juiz; porém teve de ceder a instâncias da Maria e da comadre, que queriam que fosse o barbeiro de defronte, que afinal foi adotado. Já se sabe que houve nesse dia função<sup>25</sup>: os convidados do dono da casa, que eram todos dalém-mar, cantavam ao desafio, segundo seus costumes; os convidados da comadre, que eram todos da terra, dançavam o fado. O compadre trouxe a rabeça, que é, como se sabe, o instrumento favorito da gente do officio. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse da gente do officio. A princípio o Leonardo quis que a festa tivesse ares aristocráticos, e propôs que se dançasse o minuete<sup>26</sup> da corte. Foi aceita a idéia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. Afinal levantaram-se uma gorda e baixa matrona<sup>27</sup>, mulher de um convidado; uma companheira desta, cuja figura era a mais completa antítese<sup>28</sup> da sua; um colega do Leonardo, miudinho, pequenino, e com fumaças de gaiato<sup>29</sup>, e o sacristão da Sé, sujeito alto, magro e com pretensões de elegante. O compadre foi quem tocou o minuete na rabeça; e o afilhadinho, deitado no colo da Maria, acompanhava cada arcada<sup>30</sup> com um guincho e um esperneio. Isto fez com que o compadre perdesse muitas vezes o compasso, e fosse obrigado a recommençar outras tantas.

Depois do minuete foi desaparecendo a cerimônia, e a brincadeira *aferventou*, como se dizia naquele tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete<sup>31</sup>: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper a parte lírica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um belo efeito cômico vê-lo, em trajes do officio, de casaca, calção e espadim, acompanhando com um monótono zum-zum nas cordas do instrumento o garganteado de uma modinha pátria. Foi nas saudades da terra natal que achou inspiração para o seu canto, e isto era natural a um bom Português, que o era ele. A modinha era assim:

Quando estava em minha terra,  
Acompanhado ou sozinho,  
Cantava de noite e de dia  
Ao pé dum copo de vinho!

Foi executada com atenção e aplaudida com entusiasmo; somente quem não pareceu dar-lhe todo o apreço foi o pequeno, marcando-lhe o compasso a guinchos e esperneios. À Maria avermelharam-se-lhe os olhos, e suspirou.

O canto do Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus às cerimônias. Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra, e não foi ainda mais adiante porque de vez em quando viam-se

passar através das rótulas<sup>33</sup> da porta e janelas umas certas figuras que denunciavam que o Vidigal andava perto.

A festa acabou tarde; a madrinha foi a última que saiu, deitando a bênção ao afilhado e pondo-lhe no cinto um raminho de arruda.

### Vocabulário

- 1 *Era no tempo do rei*: referência a D. João VI; início do século XIX.
- 2 *Meirinhos*: oficiais de justiça.
- 3 *Desembargadores*: juizes do tribunal de justiça.
- 4 *Imponentes*: majestosos, altivos.
- 5 *Forense*: relativo ao foro judicial.
- 6 *Sagazes*: perspicazes, astutos, maliciosos.
- 7 *Chicana*: sutileza, astúcia em questões judiciais.
- 8 *Sisuda*: séria.
- 9 *Ilharga*: baixo-ventre.
- 10 *Peregrinação*: viagem, longo percurso.
- 11 *Afadigosa*: cansativa.
- 12 *Termo*: final, término.
- 13 *Inexoráveis*: implacáveis, inabaláveis.
- 14 *Carontes*: na mitologia grega, caronte é o velho barqueiro do rio da morte, que só levava em seu barco, para o outro lado do rio, as almas dos mortos que lhe pagassem um óbolo.
- 15 *Óbolo*: moeda antiga.
- 16 *Algibeiras*: bolsos.
- 17 *Lícito*: legal, de acordo com a lei.
- 18 *Termos*: elementos de uma expressão.
- 19 *Rotunda*: redonda, gorda.
- 20 *Decano*: o mais antigo membro de uma classe ou grupo.
- 21 *Pachorrento*: vagaroso, lento.
- 22 *Algibebe*: vendedor de roupas ordinárias.
- 23 *Saloia*: camponesa, aldeã.
- 24 *Maganão*: namorador, gracejador.
- 25 *Função*: festa.
- 26 *Minuete*: nobre dança francesa.
- 27 *Matrona*: esposa.
- 28 *Antítese*: contrário, oposto.
- 29 *Gaiato*: travesso, vadio.
- 30 *Arcada*: movimento do arco nos instrumentos de corda.
- 31 *Machete*: cavaquinho.
- 32 *Obsequiou*: brindou, presenteou.
- 33 *Rótulas*: pequenas grades.

## CAPÍTULO II

## PRIMEIROS INFORTÚNIOS

Passemos por alto sobre os anos que decorrem desde o nascimento e batizado do nosso memorando, e vamos encontrá-lo já na idade de sete anos. Digamos unicamente que durante todo este tempo o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu: atormentava a vizinhança com um choro sempre em oitava alta; era colérico<sup>34</sup>; tinha ojeriza<sup>35</sup> particular à madrinha, a quem não podia encarar, era estranhão até não poder mais.

Logo que pôde andar e falar tornou-se um flagelo<sup>36</sup>; quebrava e rasgava tudo que lhe vinha à mão. Tinha uma paixão decidida pelo chapéu armado do Leonardo; se este o deixava por esquecimento em algum lugar ao seu alcance, tomava-o imediatamente, espanava com ele todos os móveis, punha-lhe dentro tudo que encontrava, esfregava-o em uma parede, e acabava por varrer com ele a casa; até que a Maria, exasperada pelo que aquilo lhe havia de custar aos ouvidos, e talvez às costas, arrancava-lhe das mãos a vítima infeliz. Era, além de traquinas<sup>37</sup>, guloso; quando não traquinava, comia. A Maria não lhe perdoava; trazia-lhe bem maltratada uma região do corpo; porém ele não se emendava, que era também teimoso, e as travessuras recomeçavam mal acabava a dor das palmadas.

Assim chegou aos sete anos.

Afinal de contas a Maria sempre era saloia, e o Leonardo começava a arrepender-se seriamente de tudo que tinha feito por ela e com ela. E tinha razão, porque, digamos depressa e sem mais cerimônias, havia ele desde certo tempo concebido fundadas suspeitas de que era atraído. Havia alguns meses atrás tinha notado que um certo sargento passava-lhe muitas vezes pela porta, e enfiava olhares curiosos através das rótulas: uma ocasião, recolhendo-se, parecera-lhe que o vira encostado à janela. Isto porém passou sem mais novidade.

Depois começou a estranhar que um certo colega seu procurasse em casa, para tratar de negócios do ofício, sempre em horas desconhecidas: porém isto também passou em breve. Finalmente aconteceu-lhe por três ou quatro vezes esbarrar-se junto de casa com o capitão do navio em que tinha vindo de Lisboa, e isto causou-lhe sérios cuidados. Um dia de manhã entrou sem ser esperado pela porta adentro: alguém que estava na sala abriu precipitadamente a janela, saltou por ela para a rua, e desapareceu.

À vista disto nada havia a duvidar: o pobre homem perdeu, como se costuma dizer, as estribeiras; ficou cego de ciúme. Largou apressado sobre um banco uns autos<sup>38</sup> que trazia embaixo do braço, e endireitou para a Maria com os punhos cerrados.

— Grandessíssima! ...

E a injúria que ia soltar era tão grande que o engasgou... e pôs-se a tremer com todo o corpo.

A Maria recuou dois passos e pôs-se em guarda, pois também não era das que se receava com qualquer coisa.

— Tira-te lá, ó Leonardo!

— Não chames mais pelo meu nome, não chames... que tranco-te essa boca a socos...

— Safe-se daí! Quem lhe mandou pôr-se aos namoricos comigo a bordo?

Isto exasperou o Leonardo: a lembrança do amor aumentou-lhe a dor da traição, e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em socos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistência desatou a correr, a chorar e a gritar:

— Ai... ai... acuda, Sr. compadre... Sr. compadre!...

Porém o compadre ensaboava nesse momento a cara de um freguês, e não podia largá-lo. Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas. Encolheu-se a choramingar em um canto.

O menino assistira a toda essa cena com imperturbável sangue-frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, aquele ocupava-se tranqüilamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer dela uma grande coleção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma coisa mais do que seu ciúme, reparou então na obra meritória<sup>39</sup> em que se ocupava o pequeno. Enfurece-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em cheio sobre os glúteos atirando-o sentado a quatro braças de distância.

— És filho de uma pisadela e de um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta<sup>40</sup>.

O menino suportou tudo com coragem de mártir, apenas abriu ligeiramente a boca quando foi levantado pelas orelhas: mal caiu, ergueu-se, embarafustou pela porta fora, e em três pulos estava dentro da loja do padrinho, e atrancando-se-lhe às pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguês a bacia de barbear que lhe tirara dos queixos: com o choque que sofreu a bacia inclinou-se, e o freguês recebeu um batismo de água de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má! ...

— Senhor, balbuciou este... a culpa é deste endiabrado... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão trêmula nessa direção.

O compadre olhou também, aplicou a atenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham! resmungou: já sei o que há de ser... eu bem dizia... ora aí está!...

E desculpando-se com o freguês saiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que ele suspeitara alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.

Espirar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquele tempo coisa tão comum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos anos, restam grandes vestígios desse belo hábito. Sentado pois no fundo da loja, afiando por disfarce os instrumentos do ofício, o compadre presenciara os passeios do sargento por perto da rótula de Leonardo, as visitas extemporâneas<sup>41</sup> do colega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava ele mais dia menos dia com o que acabava de suceder.

Chegando ao outro lado da rua empurrou a rótula que o menino ao sair deixara cerrada, e entrou. Dirigiu-se ao Leonardo, que se conservava ainda em posição hostil.

— Ó compadre, disse, você perdeu o juízo?...

— Não foi o juízo, disse o Leonardo em tom dramático, foi a honra!...

A Maria, vendo-se protegida pela presença do compadre, cobrou ânimo, e alternando-se<sup>42</sup> disse em tom de zombaria:

— Honra!... honra de meirinho... ora!

O vulcão de despeito que as lágrimas da Maria tinham apagado um pouco, borboto de novo com este insulto, que não ofendia só um homem, porém uma classe inteira! Injúrias e murros à mistura caíram de novo sobre a Maria das mãos e da boca de Leonardo. O compadre, que se interpusera, levou alguns por descuido; afastou-se pois a distância conveniente, murmurando despeitado por ver frustrados seus esforços de conciliador:

— Honra de meirinho é como fidelidade de saloia.

Enfim serenou a tormenta: a Maria sentou-se a um canto a chorar e a maldizer a hora em que nascera, o dia em que pela primeira vez vira o Leonardo, a pisadela, o beliscão com que tinha começado o namoro a bordo, e tudo mais que a dor dos murros lhe trazia à cabeça.

O Leonardo, depois de um pouco de calma, teve um momento de exasperação; avermelharam-se-lhe os olhos e as faces, cerrou os dentes, meteu as mãos nos bolsos do calção, inchou as bochechas e pôs-se a balançar violentamente a perna direita. Depois, como tomando uma resolução extrema, juntou as folhas dispersas dos autos que o menino despedaçara, enterrou atravessado na cabeça o chapéu armado, agarrou na bengala, e saiu batendo com a rótula e exclamando:

— Vá-se tudo com os diabos!...

— Vai... vai... exclamou a Maria já de novo em segurança, pondo as mãos nas cadeiras, que o caso não há de ficar assim... pôr-me as mãos!... ora... vou com isto à justiça!...

— Comadre...

— Nada, não atendo, compadre... vou com isto à justiça, e apesar de ser ele um meirinhaço muito velhaco, há de se haver comigo.



— É melhor não se meter nisto, comadre... sempre são negócios com a justiça... o compadre é seu oficial, e ela há de punir pelos seus.

As ameaças da Maria não passavam de bravatas<sup>43</sup> que lhe arrancava o despeito, e portanto com mais quatro razões do compadre cedeu, e foi restituída a paz em casa. Houve então larga conferência entre os dois, no fim da qual o compadre saiu dizendo:

— Ele há de voltar... aquilo é gênio... há de passar... e se não... o dito está dito; fico com o pequeno.

A Maria mostrou-se satisfeita. Tinha ela suas resoluções tomadas, ou anteriormente ou naquela ocasião, e por isso na conferência que referimos de engordar<sup>44</sup> o compadre e arrancar-lhe a promessa de que no caso de algum desarranjo<sup>45</sup> tomaria a si e cuidaria do filho. Esse desarranjo ela figurara e o compadre acreditara: que só partiria de Leonardo; porém o leitor vai ver que o pobre homem era condescendente<sup>46</sup>, e que a Maria tinha razão quando falara ironicamente em honra de meirinho.

Toda esta cena que acabamos de descrever passou-se de manhã. À tardinha o Leonardo entrou pela loja do compadre, aflito e triste. O pequeno estremeceu no banco em que se achava sentado, lembrando-se do passeio aéreo que o pontapé de seu pai lhe fizera dar de manhã. O compadre adiantou-se e disse-lhe com um sorriso conciliador:

— O passado passado; vamos... ela está arrependida... doidices de rapariga... mas não há de fazer outra...

O Leonardo não respondeu; pôs-se a passear pela loja com as mãos cruzadas para trás e por baixo das abas da casaca; porém pelo seu semblante via-se que ele estimara as palavras do compadre, e que seria o primeiro a pronunciar-las se ele não o procedesse.

— Vamos até lá, disse o compadre, e acabe-se tudo! Coitada!... ela ficou muito chorosa.

— Vamos, disse o Leonardo!...

Chegando à porta de casa fez uma pequena parada como quem tinha tomado a resolução de não entrar; mas o que ele queria eram algumas súplicas do compadre, que pudessem ser ouvidas pela Maria a fim de fazê-la acreditar que se ele voltava era arrastado, e não por sua vontade. O compadre percebeu isto, e satisfez o pensamento de Leonardo dizendo:

— Entre, homem... basta de criançasas... o passado passado.

Entraram. A sala estava vazia: o Leonardo sentou-se junto de uma mesa, descansou o rosto numa das mãos, conservando sempre o chapéu armado atravessado na cabeça, o que lhe dava um aspecto entre cômico e melancólico.

— Comadre, disse em voz alta o agente da conciliação, tudo está acabado; venha cá...

Ninguém respondeu.

— Há de estar aí a chorar metida em algum canto, tornou o compadre.

E começou a procurar por toda a casa.

Não era esta mui grande; em pouco percorre-a toda, e ficou tomado do mais cruel desapontamento por não encontrar a Maria. Voltou portanto à sala entre consternado<sup>47</sup> e espantado.

O Leonardo, supondo que ele tinha achado a Maria, e que sem dúvida a trazia pela mão contrita<sup>48</sup> e humilhada, quis fazer-se de bom: ergueu-se, meteu as mãos nos bolsos, e pôs-se de costas para o lugar donde vinha o compadre.

— Ó compadre, disse este aproximando-se...

— Nada, atalhou o Leonardo sem voltar-se... o dito por não dito... mudei de resolução!...

— Olhe, homem...

— Nada, nada... está tudo acabado...

O Leonardo, dizendo isto, ia dando sempre as costas ao compadre, quando se lhe queria pôr de frente.

— Homem... escute... olhe que a comadre...

— Não quero saber dela... está tudo acabado; e já disse...

— Foi-se embora... homem... foi-se embora, gritou o compadre impacientado.

O Leonardo foi fulminado por estas palavras; voltou-se então todo trêmulo. Não vendo a Maria desatou a chorar.

— Pois bem, disse entre soluços, está tudo acabado... adeus compadre!

— Mas olhe que o pequeno... atalhou este.

O Leonardo nada respondeu, e saiu precipitadamente.

O compadre compreendeu tudo: viu que o Leonardo abandonava o filho, uma vez que a mãe o tinha abandonado, e fez um gesto como quem queria dizer: — Está bom, já agora... vá; ficaremos com uma carga às costas.

Ao outro dia sabia-se por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na véspera de noite.

— Ah! disse o compadre com um sorriso maligno, ao saber da notícia, foram saudades da terra!...

## Vocabulário

34. *Colérico*: raivoso.

35. *Ojeriza*: antipatia profunda.

36. *Flagelo*: castigo, suplício.

37. *Traquinas*: travesso.

38. *Autos*: documentos judiciais.

39. *Meritória*: digna de mérito e reconhecimento.

40. *Casta*: raça.

41. *Extemporâneas*: inoportunas.

42. *Altanando-se*: erguendo-se.

43. *Bravatas*: ameaças.

44. *Engordar*: enganar, iludir.  
45. *Desarranjo*: problema imprevisto.  
46. *Condescendente*: aquele que concorda, compreende e perdoa.  
47. *Consternado*: entristecido.  
48. *Contrita*: pesarosa.

### CAPÍTULO III DESPEDIDAS ÀS TRAVESSURAS

O Leonardo abandonara de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha sofrido tamanha infelicidade; nem mesmo passara mais por aquelas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde pôr a vista em cima.

O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a sisudez<sup>49</sup> e gravidade<sup>50</sup>; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fora. Apesar disto porém captou do padrinho maior afeição, que se foi aumentando de dia em dia, e que em breve chegou ao extremo da amizade cega e apaixonada. Até nas próprias travessuras do menino, as mais das vezes malignas, achava o bom do homem muita graça; não havia para ele em todo o bairro rapazinho mais bonito, e não se fartava de contar à vizinhança tudo o que ele dizia e fazia; às vezes eram verdadeiras ações de menino malcriado, que ele achava cheias de espírito e de viveza; outras vezes ditos que denotavam já muita velhacaria para aquela idade, e que ele julgava os mais ingênuos do mundo.

Era isto natural em um homem de uma vida como a sua; tinha já 50 e tantos anos, nunca tinha tido afeições; passara sempre só, isolado; era verdadeiro partidário do mais decidido celibato<sup>51</sup>. Assim à primeira afeição que fora levado a contrair sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira. Este, aproveitando-se da imunidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha à cabeça.

Umaz vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos fregueses quando estes se estavam barbeando. Uns enfureciam-se, outros riam sem querer; do que resultava que saíam muitas vezes com a cara cortada, com grande prazer do menino e descrédito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguês levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciência enquanto este a procurava; ele ria-se furtiva e malignamente. Não parava em casa coisa alguma por muito tempo inteira; fazia andar tudo numa poeira; pelos quintais atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado à porta da rua, entendia com quem passava e com quem estava pelas janelas, de maneira que ninguém por ali gostava dele. O padrinho porém não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Gastava às vezes as noites em fazer castelos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma

grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Eis aqui pouco mais ou menos o fio dos seus raciocínios. Pelo officio do pai... (pensava ele) ganha-se, é verdade, dinheiro quando se tem *jeito*, porém sempre se há de dizer: — ora, é um meirinho!... Nada... por este lado não... Pelo meu officio... Verdade é que eu arranjei-me (há neste *arranjei-me* uma história que havemos de contar), porém não o quero fazer escravo dos quatro vinténs dos fregueses... Seria talvez bom mandá-lo ao estudo... porém para que diabo serve o estudo? Verdade é que ele parece ter boa memória, e eu podia mais para diante mandá-lo a Coimbra... Sim é verdade... eu tenho aquelas patacas; estou já velho, não tenho filhos nem outros parentes... mas também que diabo se fará ele em Coimbra? licenciado não: é mau officio; letrado? era bom... sim, letrado... mas não; não, tenho zanga a quem me lida com papéis e demandas... Clérigo<sup>52</sup>?.. um senhor clérigo é muito bom... é uma coisa muito séria... ganha-se muito... pode vir um dia a ser cura. Está dito, há de ser clérigo... ora, se há de ser: hei de ter ainda o gostinho de o ver dizer missa... de o ver pregar na Sé, e então hei de mostrar a toda esta gentalha aqui da vizinhança que não gosta dele que eu tinha muita razão em lhe querer bem. Ele está ainda muito pequeno, mas vou tratar de o ir desasnando aqui mesmo em casa, e quando tiver 12 ou 14 anos há de me entrar para a escola. Tendo ruminado por muito tempo esta idéia, um dia de manhã chamou o pequeno e disse-lhe:

— Menino, venha cá, você está ficando um homem (tinha ele 9 anos); é preciso que aprenda alguma coisa para vir um dia a ser gente; de segunda-feira em diante (estava em quarta-feira) começarei a ensinar-lhe o bê-a-bá. Farte-se de travessuras por este resto da semana.

O menino ouviu este discurso com um ar meio admirado, meio desgostoso, e respondeu:

— Então eu não hei de ir mais ao quintal, nem hei de brincar na porta?

— Aos domingos, quando voltarmos da missa...

— Ora, eu não gosto da missa. O padrinho não gostou da resposta; não era bom anúncio para quem se destinava a ser padre; mas nem por isso perdeu as esperanças.

O menino tomou bem sentido nestas palavras do padrinho: "Farte-se de travessuras por este resto da semana", e acreditou que aquilo era uma licença ampla para fazer tudo quanto de bom e de mau lhe lembrasse durante o tempo que ainda lhe restava de folga. Levou pois todo o dia em uma desenvoltura assustadora; o padrinho foi achá-lo por duas ou três vezes a cavallo em cima do muro que dividia o quintal da casa do vizinho, em grande risco de precipitar-se.

Ao anoitecer, estando sentado à porta da loja, viu ao longe no princípio da rua um acompanhamento alumiado pela luz de lanternas e tochas, e ouviu padres a rezarem; estremeceu de alegria e pôs-se em pé de um salto. Era a Via-Sacra, do Bom-Jesus.

Há bem pouco tempo que existiam ainda em certas ruas desta cidade cruces negras pregadas pelas paredes de espaço em espaço.

Às quartas-feiras e em outros dias da semana saía do Bom-Jesus e de outras igrejas uma espécie de procissão composta de alguns padres conduzindo cruces, irmãos de algumas irmandades com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos, e oravam durante muito tempo. Este ato, que satisfazia a devoção dos carolas, dava pasto e ocasião a quanta sorte de zombaria e de imoralidade lembrava aos rapazes daquela época, que são os velhos de hoje, e que tanto clamam contra o desrespeito dos moços de agora. Caminhavam eles em charola<sup>53</sup> atrás da procissão, interrompendo a cantoria com ditérios<sup>54</sup> em voz alta, ora simplesmente engraçados, ora pouco decentes; levavam longos fios de barbante, em cuja extremidade iam penduradas grossas bolas de cera. Se ia por ali ao seu alcance algum infeliz, a quem os anos tivessem despido a cabeça dos cabelos, colocavam-se em distância conveniente, e escondidos por trás de um ou de outro, arremessavam o projétil que ia bater em cheio sobre a calva do devoto; puxavam rapidamente o barbante, e ninguém podia saber donde tinha partido o golpe. Estas e outras cenas excitavam vozeria e gargalhadas na multidão.

Era a isto que naqueles *devotos* tempos se chamava correr a Via-Sacra.

O menino, como já dissemos, estremeceu de prazer ao ver aproximar-se a procissão. Desceu sorrateiramente a soleira, e sem ser visto pelo padrinho colocou-se unido à parede entre as duas portas da loja, levantando-se na ponta dos pés para ver mais a seu gosto.

Vinha aproximando-se o acompanhamento, e o menino palpitava de prazer. Chegou mesmo defronte da porta; teve ele então um pensamento que o fez estremeecer; tornou-se a lembrar das palavras do padrinho: "farte-se de travessuras"; espiou para dentro da loja, viu-o entretido, deu um salto do lugar onde estava, misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para aumentar a vozeria. Era um prazer febril que ele sentia; esqueceu-se de tudo, pulou, saltou, gritou, rezou, cantou, e só não fez daquilo o que não estava em suas forças. Fez camaradagem com dois outros meninos do seu tamanho que também iam no rancho, e quando deu acordo de si estava de volta com a Via-Sacra na Igreja do Bom-Jesus.

### Vocabulário

49. *Sisudez*: seriedade.

50. *Gravidade*: ponderação, austeridade.

51. *Celibato*: opção de não casar; condição de pessoa solteira.

52. *Clérigo*: padre.

53. *Em charola*: em fila, carregando-se uns aos outros.

54. *Ditérios*: ditos.

CAPÍTULO IV  
FORTUNA

Enquanto o compadre, aflito, procura por toda a parte o menino, sem que ninguém possa dar-lhe novas dele, vamos ver o que é feito do Leonardo, e em que novas alhadas está agora metido.

Lá para as bandas do mangue da Cidade Nova havia, ao pé de um charco<sup>55</sup>, uma casa coberta de palha da mais feia aparência, cuja frente suja e testada enlameada bem denotavam que dentro o asseio não era muito grande. Compunha-se ela de uma pequena sala e um quarto; toda a mobília eram dois ou três assentos de paus, algumas esteiras em um canto, e uma enorme caixa de pau, que tinha muitos empregos; era mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quase sempre estava essa casa fechada, o que a rodeava de um certo mistério. Esta sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestável; era um caboclo velho, de cara hedionda e imunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para a admiração do leitor, fique-se sabendo que este homem tinha por ofício *dar fortuna!*

Naquele tempo acreditava-se muito nestas coisas, e uma sorte de respeito supersticioso era tributado aos que exerciam semelhante profissão. Já se vê que inesgotável mina não achavam nisso os industriais!

E não era só a gente do povo que dava crédito às *feitiçarias*; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam às vezes comprar venturas e felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições.

Pois ao nosso amigo Leonardo tinha-lhe também dado na cabeça tornar fortuna, e tinha isso por causa das contrariedades que sofria em uns novos amores que lhe faziam agora andar a cabeça à roda.

Tratava-se de uma cigana; o Leonardo a vira pouco tempo depois da fuga da Maria, e das cinzas ainda quentes de um amor mal pago nascera outro que também não foi a este respeito melhor aquinhoado<sup>56</sup>; mas o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo; não podia passar sem uma paixãozinha. Como o ofício rendia, e ele andava sempre apatacado não lhe fora difícil conquistar a posse do adorado objeto; porém a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava, isso não o pudera conseguir: a cigana tinha pouco mais ou menos sido feita no mesmo molde da saloia. Por toda a parte há sargentos, colegas e capitães de navios; a rapariga tinha-lhe já feito umas poucas, e acabava também por fugir-lhe de casa. Desta vez porém, como não eram saudades da pátria a causa desta fugida, o Leonardo decidira haver de novo e por todos os meios a posse de sua amada. Encontrou-a com pouco trabalho, e empregando o pranto, as súplicas, as ameaças, porém tudo embalde<sup>57</sup>, decidiu por isso a buscar com meios sobrenaturais o que os meios humanos lhe não tinham podido dar.

Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do manguê, o mais afamado de todos os do ofício. Tinha-se já sujeito a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniária<sup>58</sup>, e ainda nada havia conseguido; tinha sofrido fumigações<sup>59</sup> de ervas sufocantes, tragado beberagens de mui enjoativo sabor; sabia de cor milhares de orações misteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; ia depositar quase todas as noites em lugares determinados quantias e objetos com o fim de chamar em auxílio, dizia o caboclo, as suas divindades; e apesar de tudo a cigana resistia ao sortilégio<sup>60</sup>. Decidiu-se finalmente a sujeitar-se à última prova, que foi marcada para a meia-noite em ponto na casa que já conhecemos. A hora aprazada<sup>61</sup> lá se achou o Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentiu que ele entrasse do modo em que se achava, e obrigou-se a pôr-se primeiro em hábitos de Adão no paraíso, cobriu-o depois com um manto imundo que trazia, e só então lhe franqueou a entrada.

A sala estava com um aparato ridiculamente sinistro, que não nos cansaremos em descrever; entre outras coisas, cuja significação só conheciam os iniciados nos mistérios do caboclo, havia no meio uma pequena fogueira.

Começando a cerimônia o Leonardo foi obrigado a ajoelhar-se em todos os ângulos da casa, e recitar as orações que já sabia e mais algumas que lhe foram ensinadas na ocasião, depois foi orar junto da fogueira. Neste momento saíram do quarto três novas figuras, que vieram tomar parte na cerimônia, e começaram então, acompanhando-os o supremo sacerdote, uma dança sinistra em roda do Leonardo. De repente sentiram bater levemente na porta da parte de fora, e uma voz descansada dizer:

— Abra a porta.

— O Vidigal! disseram todos a um tempo, tomados do maior susto.

## Vocabulário

55 *Charco*: pântano.

56 *Aquinhoado*: servido, contemplado.

57 *Embalde*: inutilmente, à toa.

58 *Pecuniária*: monetária; em dinheiro.

59 *Fumigações*: exposições à fumaça.

60 *Sortilégios*: bruxaria.

61 *Aprazada*: marcada, combinada.

## QUESTÕES

1. **(FUVEST-SP)** – “*Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, e excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por dá cá aquela palha. Por isso era um dos mais acreditados na cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado à vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado.*”

(Manuel Antônio de Almeida,  
*Memórias de um Sargento de Milícias*)

Observando-se, neste trecho, os elementos descritivos, o vocabulário e, especialmente, a lógica da exposição, verifica-se que a posição do narrador frente aos fatos narrados caracteriza-se pela atitude

- a) crítica, em que os costumes são analisados e submetidos a julgamento.
  - b) lírico-satírica, apontando para um juízo moral pressuposto.
  - c) cômico-irônica, com abstenção de juízo moral definitivo.
  - d) analítica, em que o narrador onisciente prioriza seu afastamento do narrado.
  - e) imitativa ou de identificação, que suprime a distância entre o narrador e o narrado.
2. Assinale a alternativa correta sobre a obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- a) Obra direcionada ao mundo imaginário, criado de sonhos e emoções pessoais.
  - b) A natureza foi fonte de inspiração do autor para compor a obra.
  - c) Romance de costumes que revela o meio social carioca, e a idolatria do dinheiro que se reflete no relacionamento homem/mulher.
  - d) A narrativa é bem ao gosto popular, dentro de um esquema estritamente romântico.
  - e) Obra inovadora, de tom humorístico e picaresco, que prenuncia uma outra tendência literária: o Realismo.
3. **(UNIPAR)** – Com relação à obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, podemos afirmar **corretamente**:
- a) Retrata as mudanças ocorridas na mentalidade colonial no Rio de Janeiro do início do século XIX com a chegada da Família Real ao Brasil.



- b) É chamado de romance picaresco em função do exagerado sentimentalismo, saudosismo e atos heróicos do passado.
  - c) O personagem-narrador é o herói romântico mais bem acabado, filho da aristocracia local que vê com desprezo a chegada dos portugueses de costumes afetados.
  - d) Apesar do cunho romântico, o autor se preocupou em desenhar o perfil psicológico detalhado dos principais personagens, daí ser considerado um precursor do Realismo no Brasil.
  - e) Percebe-se em algumas passagens do romance a exaltação do índio e da paisagem do Brasil, demonstrando a influência que o autor recebeu de José de Alencar.
4. **(FUVEST-SP)** – Indique a alternativa que se refere corretamente ao protagonista de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- a) Ele é uma espécie de barro vital, ainda amorfo, a que o prazer e o medo vão mostrando os caminhos a seguir, até sua transformação final em símbolo sublimado.
  - b) Enquanto cínico, calcula friamente o carreirismo matrimonial; mas o sujeito moral sempre emerge, condenando o próprio cinismo ao inferno da culpa, do remorso e da expiação.
  - c) A personalidade assumida de sátiro é a máscara de seu fundo lírico, genuinamente puro, a ilustrar a tese da “bondade natural”, adotada pelo autor.
  - d) Este herói de folhetim se dá a conhecer sobretudo nos diálogos, nos quais revela ao mesmo tempo a malícia aprendida nas ruas e o idealismo romântico que busca ocultar.
  - e) Nele, como também em personagens menores, há o contínuo e divertido esforço de driblar o acaso das condições adversas e a avidez de gozar os intervalos da boa sorte.
5. **(ITA-SP)** – Assinale a opção correta com relação à obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- a) O livro trata da história de um amor impossível, passada no século XIX.
  - b) A história é contada numa linguagem popular da mesma maneira como foram escritas outras obras da época.
  - c) O livro trata das peripécias do protagonista, personagem cômico, pobre e sem nobreza de caráter.
  - d) A história se passa num ambiente rural, tal como a história de *O Sertanejo*, de José de Alencar.
  - e) A história é contada numa linguagem que segue os padrões clássicos da época.

## RESPOSTAS

1. *Memórias de um Sargento de Milícias* é, como quer a melhor crítica, um romance sem culpa e, também por isso, excêntrico à tradição heróica e galante do Romantismo. O narrador onisciente, neutro, observa e retrata, divertido, os tipos do Rio Colonial. Nivela bons e maus na alternância da ordem e da desordem, da qual ninguém escapa, nem mesmo o temível major Vidigal. O tom caricatural da figura do mestre-escola, a associação irônica entre respeitabilidade e retórica pomposa e latinizante, modulam um retrato quase ao gozo dos realistas.

Resposta: C

2. E  
3. A

4. A alternativa e é a que melhor caracteriza o comportamento de Leonardo e do segmento em que se inscreve: as camadas populares do Rio de Janeiro no período joanino, vistas segundo a ótica peculiar do narrador, que se exime dos juízos morais e do maniqueísmo romântico. “Romance sem culpa”, “romance em moto-contínuo”, como a crítica o classificou, as *Memórias de um Sargento de Milícias* revelam, apesar dos arrochos do Major Vidigal e das aperturas da pobreza, uma malandragem ainda meio idílica, distante da via-crucis dos excluídos sociais que o subsequente Realismo irá retratar de maneira contundente e minuciosa.

Resposta: E

5. A obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, é um romance de costumes sobre a vida popular no Rio de Janeiro, na época de Dom João VI. O personagem principal, Leonardo, é um anti-herói, um vadio, um malandro. Não apresenta a típica nobreza de caráter do herói romântico. Leonardo inscreve-se na tradição pícaro, sendo o precursor de Macunaíma (o “herói sem nenhum caráter”), de Mário de Andrade.

Resposta: C